

Francesco Russo

Antropologia delle relazioni. Tendenze e Virtù relazionali

Armando Editore, Roma, 2019.

A atual crise de valores sociais é evidente a todos nós, de diferentes formas. É algo que, sem dúvida alguma, compromete não só a nossa felicidade e aquela das gerações vindouras, mas também a harmonia social. Portanto, num período onde constantemente fala-se e verifica-se uma crise de valores sociais, afetando deste modo a autorrealização de qualquer pessoa humana, Francesco Russo vai ao encontro desta situação, apresentando esta obra, muito legível, que desvela e analisa filosoficamente as virtudes sociais no pensamento de Tomás d'Aquino. Quiçá, redescobrimos-as, possamos conhecer não só algumas causas de tal crise, mas também fazer frente a isso.

Simultaneamente, do ponto de vista metodológico, este livro científico também prima pelo facto de o seu autor fugir de uma certa tendência no estudo do pensamento do Aquinate, que recai, na grande maioria, na investigação das virtudes cardeais (a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança) ou das virtudes teologais (a fé, a esperança e a caridade) e a sua importância para a pessoa humana e a sociedade. Desta forma, com este livro, o autor foge de tal tendência, evidenciando virtudes que frequentemente são descuradas no estudo, análise e interpretação do pensamento do Aquinate, mas que, sem dúvida alguma, de igual modo, são também importantes para compreender o seu pensamento e também o papel fundamental que elas desempenham na nossa vida a fim de permitir a nossa autorrealização e a preservação do bem-comum.

Um outro ponto da obra, que se deve salientar, com relação à metodologia, é o facto de o autor evitar reducionismos. Para tal, nesta obra, ele abordou o tema de forma interdisciplinar, estabelecendo, assim, ao longo de toda a obra, uma relação entre as distintas áreas do saber, como a psicologia, a sociologia, a biologia, a educação, a teologia, a história, etc. Neste sentido, com esta abordagem, não só consegue fundamentar melhor as suas ideias, sobretudo no que concerne ao pensamento de Tomás d’Aquino, pois, estas ciências, todavia, não estavam tão desenvolvidas no seu tempo, como estão hoje, mas também consegue propor e criar uma relação profícua entre todas elas. Deste modo, com esta abordagem, em uníssono, não só a filosofia ganha mais consistência, mas também permite que as outras áreas do saber possam desenvolver-se e, assim, simultaneamente, alcançarem conclusões mais válidas.

Com relação ao conteúdo, mais concretamente, esta obra divide-se em dez capítulos. No primeiro, antes de o autor introduzir e descrever as virtudes sociais no pensamento de Tomás d’Aquino, ele relaciona a pessoa humana com a sociedade, a cultura e as virtudes, (recorrendo para tal ao pensamento do Aquinate, ao de outros autores e ao seu), a fim de demonstrar que existem tendências socializantes inatas na pessoa humana, que, simultaneamente, devem ser integradas, tendo em consideração as circunstâncias, a fim de permitirem que ela se relacione com os demais virtuosamente e assim se autorrealize e ajude na construção e preservação do bem comum.

Posteriormente, Russo enumera as distintas virtudes sociais, no pensamento de Tomás d’Aquino, contidas na sua *Summa Theologiae*, II-II, qq. 101-119, e as dissecou em capítulos separados: a *Pietas* ou piedade, a *observantia* ou observância, a *dulia* ou honra, a *oboedientia* ou obediência, a *liberalitas* ou liberalidade, a *gratitudine* ou gratidão, a *vindicatio*, a *veracitas* ou veracidade, e a *affabilitas* ou afabilidade. E aqui destaca-se que o autor é fidedigno na análise e interpretação do pensamento de Tomás d’Aquino. Isto também é fruto de Russo levar já alguns anos a investigar o pensamento do Aquinate, como se pode verificar lendo esta obra e também outros trabalhos científicos escritos por ele.

Portanto, no segundo capítulo da obra, o autor analisa a virtude social da piedade, que consiste no hábito eletivo que aperfeiçoa a ten-

dência inata de reconhecer a origem do próprio ser, com a família, a cidade e a pátria.

Por vezes, quando se analisam as diferentes virtudes, desconsideram-se os vícios correspondentes, estudo que também é importante, pois permite-nos conhecer de melhor forma a essência das várias virtudes. Neste sentido, na análise das distintas virtudes sociais, no capítulo que lhe é próprio, o autor também evidencia os respetivos vícios que se opõem a estas virtudes sociais do Aquinate, não só usando o pensamento de Tomás d'Aquino, mais concretamente a sua supracitada obra, mas também recorrendo a ideias de outros autores ou até mesmo às suas próprias ideias.

Assim, com relação à virtude social da piedade, o autor menciona como vícios, por exemplo, o paternalismo, o familismo, o tradicionalismo, o bairrismo, o racismo, o estatismo e o nacionalismo.

Posteriormente, no terceiro capítulo, o autor dissecar a virtude social da observância, que consiste no hábito eletivo que aperfeiçoa a tendência inata de respeitar e venerar as pessoas dotadas de poder e de reconhecer os méritos e as excelências e talentos das outras pessoas. Neste capítulo, também analisa os vícios que se opõem a esta virtude, tais como o desrespeito, o anarquismo e o não reconhecimento das boas qualidades dos outros.

Seguidamente, no capítulo quarto, Russo analisa a virtude social da honra, que consiste no hábito eletivo que aperfeiçoa a tendência inata de venerar e reverenciar as pessoas que possuem poder e aquelas que possuem determinados talentos e qualidades. Do mesmo modo, neste capítulo, também analisa os vícios que se opõem a esta virtude, como, por exemplo, a vanglória, a ambição, a pusilanimidade e a adulação.

Já no capítulo quinto, Russo analisa a virtude social da obediência que consista no hábito eletivo que aperfeiçoa a tendência inata de seguir a ordem dos superiores, a fim de preservar-se o bem comum. Com relação aos vícios, que se opõem a esta virtude, o autor interpreta sobretudo a desobediência e a obediência a pessoas que não merecem tal.

No sexto capítulo, o autor analisa a virtude social da liberalidade, virtude que aperfeiçoa a tendência inata de fazer um bom uso dos bens materiais. Com relação aos vícios, que se opõem a esta virtude, o autor analisa sobretudo a prodigalidade e a avareza.

Posteriormente, no sétimo, Russo analisa a virtude social da gratidão, a virtude que aperfeiçoa a tendência inata de reconhecer e agradecer às pessoas pelos bens que nos deram. Neste capítulo, o autor também diseca os vícios que se opõem a esta virtude, como por exemplo a ingratidão ou o agradecimento a quem não se deve.

Se devemos agradecer aos nossos benfeitores pelos bens que nos concederam, já diante do mal que os nossos malfeitores praticaram devemos praticar a virtude social da *vindicatio*. Assim, no oitavo capítulo, o autor analisa a virtude social da *vindicatio*, que consiste no hábito eletivo que aperfeiçoa a tendência inata de reagir diante do mal, feito a nós, aos outros ou a Deus. Em relação aos vícios que se opõem a esta virtude, Russo examina sobretudo a inveja, a mansidão, o ódio, a inimizade, a cumplicidade moral e a não punição dos malfeitores.

Já no nono capítulo, o autor diseca a virtude social da veracidade, a virtude social que aperfeiçoa a tendência inata de uma pessoa mostrar-se tal como “é” e defender e promover a verdade. Abordando esta virtude, Russo analisa sobretudo como vícios a mentira, a duplicidade, a simulação ou hipocrisia.

No décimo e último capítulo, o autor interpreta a virtude social da afabilidade, o hábito eletivo que aperfeiçoa a tendência inata de tratar bem, verbal e não verbalmente, as pessoas com as quais nos relacionamos. Por isso, esta virtude opõe-se sobretudo aos vícios do litígio e da adulação, vícios que são propostos e analisados pelo autor.

Na abordagem destas virtudes, salientam-se também outros pontos relevantes. O primeiro consiste no facto de o autor não tratar apenas de descrever estas virtudes no pensamento do Aquinate. Ou seja, dissecando todas estas virtudes, ele procura contextualizar o pensamento de Tomás d’Aquino com os autores que o precederam e que, deste modo, também influenciaram o seu pensamento, tais como Aristóteles, Cícero e Séneca.

Do mesmo modo, mencione-se também que o autor procurar dar credibilidade a, ou até mesmo desenvolver, alguns pontos no pensamento de Tomás d’Aquino relacionados com as virtudes sociais, usando para tal o pensamento de filósofos contemporâneos, como, por exemplo, Max Scheler, Robert Spaemann, Hans George Gadamer, entre outros, ou até mesmo algumas das suas ideias. Neste sentido,

destaca-se, logo no primeiro capítulo, sobretudo, a importante distinção que o autor introduz entre natureza e cultura, instinto e tendência, termos e distinções que não aparecem no pensamento do Aquinate, mas que melhoram o seu pensamento.

Em relação à descrição da essência das virtudes sociais, mencione-se também o facto de o autor procurar muitas vezes, sobretudo no início de cada capítulo, a etimologia da palavra, a fim de obter conclusões mais precisas e, ao invés, evitar más conceções. Isto torna-se evidente, por exemplo, quando Russo verifica e afirma que não existe uma tradução plausível para o italiano, o espanhol, o português, o inglês, o alemão e o francês, da palavra latina *vindicatio*, virtude analisada no capítulo oitavo da obra. De facto, quando se traduz a *Summa Theologia*, em particular a questão 108, II-II, nas diversas línguas, ela é traduzida como vingança, retaliação ou reivindicação. Porém, acertadamente, Russo mostra que tal tradução não está correta e que, atualmente, não existe no vocabulário dessas línguas uma tradução legítima.

As virtudes, inclusive as sociais, podem relacionar-se entre si, pois têm um substrato comum. Por exemplo, diante da mesma situação, uma pessoa não pode ser humilde e injusta ao mesmo tempo. Pelo contrário, uma pessoa humilde é sempre justa, pois, caso contrário trata-se de uma má conceção de humildade ou de justiça. Do mesmo modo, uma pessoa não pode simultaneamente praticar a virtude da *vindicatio* e ser um mentiroso, pois as virtudes sociais, uma vez que têm o mesmo substrato, concorrem também todas entre si.

Deste modo, destaca-se também o facto de o autor, no início de cada capítulo, ter relacionado algumas virtudes sociais entre si, por exemplo a piedade, a observância, a honra e a obediência. Contudo, poderia ter alargado esse raciocínio e feito o mesmo para as outras virtudes e, assim, mostrar como elas se relacionam entre si, provando assim que elas possuem o mesmo substrato.

Num período onde a palavra virtude tem vindo a ser descurada ou deturpada, sendo, em muitos casos, associada a muitas realidades que não o são, ou pior ainda, a realidades que são autênticos vícios; num período onde, constantemente, se fala e se assiste a uma crise social; o conhecimento das virtudes sociais, no pensamento de Tomás d'Aquino, pode ajudar-nos a desmistificar e a resolver algumas causas

para tal crise e, deste modo, ajudar-nos num processo de autorrealização, criando relações mais saudáveis e autênticas, e assim, consequentemente, preservando o bem-comum e criando uma sociedade mais harmónica. Tudo isto Francesco Russo o demonstra com a publicação deste seu livro.

EUGÉNIO LOPES